



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.



CAPÍTULO 1

Ana Paula Moreira caminhava preocupada por uma das avenidas de Copacabana, olhando as vitrinas. Ao seu redor, o barulho dos carros e a movimentação constante de pessoas faziam dela uma ilha, uma pequena ilha humana perdida na grande cidade do Rio de Janeiro. Perdida em seus pensamentos e lamentações. Viera do interior para a cidade grande em buscas de novas oportunidades. Não tinha estudos. Nunca havia trabalhado antes. Tinha apenas um sonho: ser modelo para ganhar bastante dinheiro e ajudar os pais e os irmãos que ficaram para trás, trabalhando na lavoura.

Nos primeiros meses de sua chegada ao Rio de Janeiro, tentou realizar esse sonho, achando que tudo seria fácil. Sabia que era uma garota bonita e isso valia muito. Mas os meses foram passando, suas economias acabando-se e as dificuldades começaram a surgir. Precisava arrumar algum trabalho, para sobreviver, pagar o aluguel do quatinho de hotel de terceira classe, ou então teria que voltar para sua cidade. Isso ela não queria. Queria ser uma vencedora, mas as tentativas de arrumar um emprego falharam. E acabou tendo que ir trabalhar nas ruas. Ana Paula era uma garota de programa, uma garota que aguardava convites pelo telefone, agenciada por um explorador, a quem cabia a maior parte dos lucros. Ela havia discutido com ele e simplesmente fora desligada do grupo. Sua preocupação era a próxima refeição, pois ficara sem dinheiro algum, além de ter sido expulsa do apartamento onde morava e que utilizava para os encontros amorosos. Recordava-se de seu diálogo com Valter, o explorador. Viera para viver e teve que aprender como viver.

— Querendo me passar para trás? — indagou ele, esbofeteando-a, após arrancar-lhe a blusa e descobrir a nota de cem reais.

— Foi uma gratificação extra do cliente... Estava fora do preço — protestou ela com veemência, avançando sobre Valter.

— Cale-se! — ordenou ele, interrompendo-a com uma sonora bofetada que a atirou sobre uma poltrona.

Ana Paula começou a soluçar baixinho, enquanto Valter circulava pelo apartamento, examinando gavetas e portas.

— Você não passava de uma miserável, uma garota de cinquenta reais por noite, quando a conheci. E que fiz eu? Vamos diga? Dei-lhe este apartamento, dei-lhe clientes de classe, vesti você, cuidei de você. E o que me deu em troca? O que me deu?

— Mas foi uma gorjeta achei que poderia ficar...

— Não diga nada. Você está fora, ouviu bem? Fora.

— Não pode fazer isso comigo, Valter. Sempre trabalhei direitinho para você. Eu nunca o passei para trás. Sempre...

— Nosso trato foi meio a meio inclusive as gorjetas extras, não se lembra disso? Deixei isso bem claro. Sempre fiz isso com todas.

— Eu sei, mas eu ia lhe dar a sua parte.

Valter parou em frente a ela, sorrindo cinicamente.

— Eu disse: fora! Não sou homem de suas palavras. Fora!

Ana Paula olhou-o suplicante, mas percebeu que nada faria com que ele mudasse de idéia. Ela havia burlado uma regra do jogo, daquele jogo sujo onde os corpos humanos eram as apostas.

— Está bem, deixe-me apenas apanhar minhas roupas.

— Suas roupas? Que roupas? Você chegou aqui com a roupa do corpo e é assim que vai sair. E tem mais: agenciador algum vai aceitá-la depois que seu nome correr pela cidade. Você está acabada. Terá que voltar ao seu comércio de avenida por cinqüenta reais.

— Não, isso não. O que farei? Onde irei morar, Valter?

— Problema seu. Agora fora! — ordenou ele, empurrando-a brutalmente de encontro à porta, forçando-a a sair.

Sem outra alternativa, Ana Paula deixou o apartamento com os pensamentos confusos e o destino incerto. O Rio de Janeiro era uma cidade grande, mas ela não havia aprendido nada decente durante esse tempo. Agora, aos vinte e três anos, via-se no mais trágico dilema de todos os seus anos. Remexeu a bolsa, descobrindo ali alguns centavos. Entrou numa lanchonete automaticamente e verificou os preços na grande tabela afixada no alto da parede. Não tinha comido nada durante todo o dia.

Conseguiu um sanduíche e um refrigerante com o que tinha, devorando-os. Após isso, saiu novamente para a rua, sem rumo certo. Pensando no que iria fazer de sua vida agora e onde iria passar aquela noite que já começava a cair sobre a cidade. Nunca sentira frio no Rio, mas naquele dia sentia. Ela apertou os braços de encontro ao peito, enquanto caminhava. Um pensamento negro passou-lhe pela cabeça, como única solução para o seu caso: seria apenas um gesto decisivo e no dia seguinte seu corpo estaria boiando na Baía de Guanabara. Não precisaria passar pela vergonha de voltar para casa sem ter conseguido nada nesse tempo todo.

Um carro a acompanhava em marcha lenta, um pouco atrás dela, como se a seguisse. Ana Paula percebeu isso e olhou de relance para o motorista do grande carro último tipo. A aparência do homem não a desagradava. Já havia visto homens piores em sua vida. Aquele parecia até simpático e muito alto por trás do volante. O que importava no momento era o dinheiro.

Apesar do frio que sentia, Ana Paula endireitou o corpo e jogou seus cabelos dourados para trás, empinando os seios e requebrando com graça as cadeiras experientes. Sua minissaia deixava à mostra coxas firmes e levemente bronzeadas. Diminuiu a marcha e esperou que o carro a alcançasse. Este, no entanto, continuou atrás dela. Talvez um tímido, pensou ela, entrando numa rua transversal de pouco movimento, para dar ensejo ao homem de se aproximar. O carro seguiu-a e adiantou-se, parando. A porta foi aberta e Ana Paula entrou cheia de charme e sensualidade.

— Qual é seu preço? — indagou-lhe o homem ao volante, alto e forte, de olhos escuros e misteriosos.

Como garota de programa de Valter seu preço havia chegado a quinhentos reais. Naquele momento, porém, Ana Paula não poderia exigir mais que o preço vigente. Por isso, um tanto humilhada, disse com voz sumida e submissa.

— Cinqüenta reais.

O motorista pareceu sorrir satisfeito, e, tão logo ela entrou, acelerou o carro, afastando-se. A princípio Ana Paula pensou que seria levada para um daqueles indefectíveis motéis da periferia da cidade. Depois, com surpresa, notou que o carro a levava na direção de um bairro de classe média.

— Você deve ser uma pessoa importante, não? — arriscou ela, perguntando ao homem que até então estava silencioso.

Ele riu divertido, sempre de olho no asfalto a sua frente.

— Eu disse alguma piada? — indagou ela sem entender o motivo da risada.

— Sim, uma boa piada — retrucou ele, olhando-a de relance e aproveitando o ensejo para olhar orgulhosamente para as coxas tentadoras ao seu lado.

Ela era muito bonita. Estava apenas mal cuidada.

— Que tipo de piada eu contei para fazê-lo rir assim?

— Pareço um tipo importante? — perguntou ele, abrindo o porta-luvas do carro e apanhando um quepe de motorista.

— Parece que não — concordou ela, entendendo que ele era apenas um motorista. — Para quem está me levando?

— Você terá suas perguntas respondidas em breve.

— Que tipo de serviço terei que fazer?

— Que tipo de serviço você costuma fazer? — retrucou ele com certa ironia e malícia na voz áspera e zombeteira.

Ana Paula calou-se e esperou. Pouco depois o carro manobrava por um portão, passava por um amplo jardim todo gramado e estacionava em frente a uma casa em estilo moderno.

— É aqui? — quis ela saber, surpresa com a casa.

— Sim, venha comigo — ordenou ele, conduzindo-a para o interior da casa até uma sala que parecia ser uma biblioteca, mobiliada com móveis modernos e quadros surrealistas.

— O que devo fazer?

— Agora é só esperar.

O motorista sumiu por uma porta, deixando-a só. Ana Paula deixou-se cair sobre uma macia poltrona, examinando o ambiente e ficando deslumbrada com o que via. A casa era uma mansão, com o luxo exibindo-se em toda parte. Ao seu lado, viu um carrinho com bebidas e copos. Ana Paula serviu-se de uma dose de vodca e bebericou rapidamente. Precisava disso para aquecer seus nervos. Logo em seguida uma porta abriu-se e surgiu um homem magro, vestido com um longo roupão negro, com bordados em dourado, imitando o estilo chinês. Ana Paula não pode deixar de sentir certa apreensão ao ver aqueles olhos cavernosos e a cara de poucos amigos que a examinou demoradamente. Sentiu sua pele arrepiar-se.

— Dispa-se — ordenou o homem com uma voz estranhamente clara e de boa dicção, como a de um ator ou de um locutor.

— Você é apressadinho, não? — retrucou ela, caminhando para ele, toda cheia de charme e provocação.

— Eu ordenei que você se despisse — voltou ele a dizer, em voz calma, mas imperativa, de quem não admitia contestação.

— Ok, você manda e não pede! — respondeu ela, voltando para a poltrona e tirando inicialmente os sapatos.

Depois, levantou a perna em linha reta e desceu uma das meias, fazendo o mesmo com a outra. Desabotoou a blusa com gestos lentos, sempre sendo examinada por aquele homem estranho. Seus seios pequenos e redondos, firmes ainda, ganharam liberdade e ficaram subindo e descendo ao compasso de sua respiração. A minúscula saia caiu-lhe aos pés e ela flexionou o corpo para se ver livre de sua última peça. Seu corpo nu ficou à mostra, pulsando na plenitude de sua beleza jovem e apetitosa. O homem, ainda parado a sua frente, examinava-a com olhos clínicos.

— E você, meu bem? Não vai se despir? — indagou ela.

O homem não respondeu, caminhando para ela e examinando-a de perto. Depois circulou-a, observando-lhe as costas.

— Tem algum gosto especial? — insistiu ela, lembrando-se dos clientes com gostos estranhos que já havia conhecido na vida.

— Você serve. Está contratada — disse o homem, virando-se para sair e dando por encerrado a conversa.

— Ei, espere aí. Que estória é essa de estar contratada? — perguntou ela, correndo atrás dele e segurando-o pelo braço.

O homem olhou para a mão sobre o seu braço e depois para os olhos claros de Ana Paula. A garota sentiu um arrepio esfriar seu corpo ao perceber o brilho enraivecido daqueles olhos.

— Carlos lhe dará todos os detalhes — falou ele, saindo.

Ana Paula ficou algum tempo parada, aturdida. Depois, resolvida a esclarecer aquele mistério, levou a mão à maçaneta da porta e percebeu, com espanto, que a mesma havia sido trancada. Recuou para o centro do aposento, sentindo o medo invadir seu corpo. Uma outra porta lateral abriu-se e entrou Carlos, o motorista. Ao vê-la, o homem estacou. Seus olhos gulosos percorrendo toda aquela perfeição de formas e carnes femininas. Ela era mais linda ainda do que imaginara. Carlos sentiu o desejo crescer dentro dele.

— O que está havendo aqui? — indagou ela, não se importando com aquele olhar que a devorava com os olhos.

Querida apenas respostas para suas perguntas. Aliás, aquilo era coisa a que já havia se acostumado. Carlos continuou olhando-a e podia-se perceber sua respiração ofegante. Ele se aproximou dela e estendeu as mãos enormes, colocando-as sobre os seios da jovem. Apesar do tamanho daquelas mãos, o carinho que fizeram foi agradável para ela. Carlos deslizou a mão do seio e, com o indicador, percorreu o ventre de Ana Paula, fazendo-a arrepiar-se e contraí-lo instintivamente.

— Vista-se — ordenou ele, afastando-se dela e indo postar-se a uma distância respeitável.

Precisava ser forte para resistir aquelas formas. Não podia ultrapassar seus limites.

— O que há com os homens daqui? — indagou ela, indignada.

— Acalme-se, logo lhe explicarei tudo. Assim que se vestir.

Ana Paula fez o que ele ordenava. Quando já estava vestida, Carlos a fez segui-lo até um quarto no segundo pavimento.

— Este será seu quarto — disse ele, abrindo a porta e entrando na frente dela.

Ana Paula seguiu-o e, ao correr os olhos pelo aposento, parou surpresa: O quarto era

todo branco. As cortinas de rendas eram de cor champanhe, havia uma cama redonda enorme perto de uma das janelas. Vasos de flores espalhados pelos cantos perfumavam deliciosamente o ambiente.

— Deus! É maravilhoso! Nunca tinha visto um quarto assim.

— Sabia que gostaria dele. Tem a sua cara mesmo.

— Mas o que é aquilo? — perguntou ela, apontando para uma porta aberta ao lado que parecia levar a um salão de ginástica.

Ele fez um sinal para ela segui-lo. Ana Paula acompanhou-o e entrou no salão. Havia diversos aparelhos de ginástica, de todos os tipos, além de uma outra sala anexa. Na porta havia uma tabuleta indicando que ali havia sauna e massagens.

— Por que tudo isso? — indagou ela, surpresa.

— Você tem tudo aí para tornar seu corpo perfeito, escultural.

— Aparelhos, sauna e até massagem?

— Sim, especialmente a massagem.

— Quem se encarrega disso?

— Eu mesmo — respondeu ele, com um sorriso nos lábios.

— Você? — surpreendeu-se ela, medindo-o.

— E por que não? Fui massagista profissional num time de futebol, mas isso já faz muito tempo. Agora cuido de coisas mais delicadas. — falou pausadamente, lançado-lhe um olhar significativo.

Ana Paula lembrou-se do carinho daquelas mãos e concordou imediatamente com a competência de Carlos para tais assuntos.

— O que mais terei de fazer?

— Nada, apenas ficar bonita e se embelezar.

— Com que finalidade? Só por boniteza?

— Exigência do seu, digamos, contrato de trabalho.

— Contrato de trabalho? Que trabalho, afinal de contas?

— Você saberá quando chegar a hora certa.

— Seu patrão é algum maluco, por acaso?

— Não, apenas um perfeccionista.

— E quanto lucrarei com isso?

— Casa, comida, quinhentos reais por semana, mais todo cosmético e toda roupa que puder comprar e usar.

— Tudo isso? Para fazer o quê? — insistiu ela, surpresa.

— Saberá mais tarde. Não tenha pressa. Valerá a pena.

— Não estou entendendo, mas confesso que me agrada — comentou ela, olhando ao seu redor, deslumbrada com todo o luxo.

Ao virar o rosto, não percebeu o olhar de mistério e aparente tristeza e pena que Carlos lhe lançava.

* * *

— Há quanto tempo estava aí? — indagou Marcos ao seu auxiliar, que examinava o corpo

da garota com atenção.

— Talvez dois ou três dias. A perícia estabelecerá com exatidão a data da morte. Vamos ter que esperar até que saia o laudo.

— Horrível! — exclamou o investigador, olhando para os destroços do que havia sido uma linda garota, e agora jazia ali inerte sem vida.

— Não sei como conseguiram fazer isso, tenente. Arrastar um corpo para um dos túneis do esgoto e deixá-lo para apodrecer e ser comido pelos ratos. Nunca o encontraríamos se não fosse a turma da manutenção. E por que retalhá-la dessa forma?

— Rogério, lembra-se, há cerca de três meses, de algo parecido com isso? Uma garota esfaçalhada na Baía de Guanabara, possivelmente pelas hélices de um barco? E aquela outra meses antes encontrada em Copacabana, seu corpo tinha sido cortado e distribuído em sacos plásticos, juntamente com algumas pedras, e jogados no mar.

— Sim, acho que sim. Acha que há relação entre esses crimes todos? Aquelas mortes até agora não foram esclarecidas ainda.

— Isso não está me cheirando bem em todos os sentidos. Temos que apurar isso. Verifique a seção de desaparecidos, a de mortos não identificados, no IML e os nossos boletins. Veja se consegue estabelecer ligações com este crime. O assassino pode ser o mesmo, e se for isso podemos ter mais um maníaco à solta.

— Vou tratar disso quando chegar no Distrito.

— Antes disso, gostaria de falar com o pessoal que encontrou o corpo. Talvez eles tenham visto alguma coisa, ou possam nos dar mais alguns detalhes sobre o caso. Onde eles estão, agora?

— Estão logo ali, junto àquela viatura — apontou o auxiliar.

Marcos caminhou pensativo naquela direção. Havia um grupo de homens com uniforme de trabalho, conversando.

— Foram vocês encontraram o corpo?

— Sim, colega! — respondeu um deles. — Estávamos verificando uma suspeita de vazamento de gás quando o encontramos. Levamos um susto ao ver o estado da garota, toda arrebatada daquele jeito.

— Eu vi. Algum de vocês a conhece, ou conhecia?

— Não, nunca a vimos antes, mas pelas roupas que usava parecia ser muito rica — disse um deles.

— Tome nota disso, Rogério. Verifique as etiquetas das roupas, as lojas, consiga o que puder. Pode pôr mais homens no trabalho. Eu falarei com o delegado. Tenho certeza de que ele concordará comigo.

O investigador pensou por alguns instantes, antes de indagar:

— Não encontraram nada, alguma pista, ninguém viu nada, nenhum suspeito, alguma coisa fora do lugar?

— Não, senhor, nada que pudesse lhe ser útil.

— Tem alguma idéia de como levaram o corpo para lá?

— Possivelmente na madrugada, quando o movimento de pessoas por aqui é mínimo.

Mesmo assim, tiveram que ser rápidos para não serem vistos ou notados.

— Vai ser difícil apurar alguma coisa nesse sentido. Praticamente não há como se

encontrar uma pista naquele túnel, mas por que está afirmando que eram mais de um?

— Para carregar o cadáver e levá-lo para dentro do túnel seria preciso no mínimo duas pessoas. Ou um sujeito muito forte.

— Tem razão. Vamos trabalhar com essas hipóteses. Vou tomar um café. Avise ao pessoal para trabalhar rápido — disse ao seu auxiliar, ansioso para afastar-se logo de tudo aquilo.

— Farei isso. Vai voltar para o distrito?

— Não, estarei nas imediações. Voltarei logo.

Enquanto caminhava, Marcos pensava nas mortes daquelas garotas. Tinha que haver alguma ligação entre elas, mortas daquela maneira estúpida, com requintes de crueldade e com os mesmos sinais de violência. Precisava encontrar alguma pista que as ligasse. Encontrou um bar, tomou um café e resolveu dar uma volta pelos imediações. Sempre pensava melhor quando caminhava.

Seus olhos observaram tudo ao seu redor. Ficou tentando compor a cena, imaginando como poderia ter acontecido aquilo. A garota fora morta em outro local, com certeza. Não havia marcas de sangue. Ela sangrara até morrer, cortada daquela forma. Depois, dois homens, ou um homem forte, carregaram o corpo, desceram pela abertura e caminharam um trecho do túnel, para abandoná-lo. Por que isso? Por que aquela violência desnecessária?

Parou e ficou olhando na direção de onde estavam as viaturas e o ajuntamento de pessoas. Ser investigador era uma atividade desgastante naquela cidade. Se não bastassem as chacinas, os tiroteios com os traficantes, tinha que lidar agora com um maníaco criminoso. Ou com maníacos criminosos. O que fazer?

CAPÍTULO 2

Após uma noite exaustiva em companhia de Rogério e de diversos relatórios, Marcos nada conseguira apurar de satisfatório.

— Infelizmente lá se vai sua intenção em relacionar aqueles crimes. Esse último crime estabelece um padrão novo, diferente do que temos visto. Nada pudemos encontrar.

— Sim, Rogério. É um padrão macabro. Segundo a autópsia do que restou do corpo, ele já estava despedaçado quando foi deixado lá naquele túnel. Mas o que teria serrado seus ossos? Por quê?

Rogério estava na janela, olhando o sol, que já surgira sobre a cidade. No calçadão, a beira-mar, o movimento deveria ser intenso. Corpos bronzeados e seminus aproveitavam aquele começo de dia. O cansaço estampava-se em seu rosto, assim como no de Marcos.

— Há milhares de loucos lá fora, meu amigo. Quem sabe o que lhes passa pela cabeça? Quem sabe quando vão explodir?

Um oficial de polícia surgiu à porta.

— Marcos, o delegado acabou de chegar e quer vê-lo.

— Irei em seguida, Paulo. Obrigado!

— Prepare-se para uma bronca — advertiu Rogério.

Marcos apanhou os relatórios em que havia trabalhado e, com eles debaixo do braço, saiu de sua sala, percorreu um longo corredor e parou diante da porta do delegado. Respirou

fundo e entrou. O homem atrás da escrivaninha levantou a cabeça para olhá-lo com severidade. Depois reclinou-se em sua poltrona, cheio de empáfia.

— Que idéia foi essa de colocar uma equipe de policiais em ação, sem a minha autorização? Pensa que só o seu trabalho é importante? Tinha gente fazendo coisas que eu havia mandado, sabia?

— Eu tinha uma boa pista e achei que deveria trabalhar rápido.

— Boa pista? Trabalhamos com o dinheiro dos contribuintes, além de termos um pessoal deficitário. Você quer nos arruinar? Se os jornais tomarem conhecimento disso...

— Pensei que fosse um caso importante.

— E de que se tratava afinal?

— Uma prostituta foi assassinada e...

— O quê? — indagou o homem, levantando-se, com as bochechas avermelhadas. — Todo esse trabalho por uma prostituta.

Marcos engoliu em seco, como se aquela afirmação houvesse explodido em sua cara como uma pesada bofetada. Limitou-se a cerrar os punhos e a ouvir. Tinha de respeitar a autoridade do outro, mesmo sabendo de toda a sua incompetência.

— O que pensa que somos? Sabe o que elas fazem lá fora? Se vendem, se matam, roubam, se envolvem em todo tipo de crime a todo momento. É gente da pior espécie, não merece consideração.

— Sei disso, mas essa foi morta em circunstâncias diferentes. Seu corpo foi serrado ao meio antes de ser deixado num túnel.

— Está brincado! Serrado ao meio?

— Aqui estão os relatórios da autópsia — disse Marcos, depositando a pasta sobre a mesa. — Estive no IML e esperei terminar.

O delegado apenas relanceou os olhos sobre os papéis, voltando a fixar-se no subordinado.

— Dê a ordem de desmobilização. Quero o pessoal de volta ao que estava fazendo antes de sua ordem absurda. Onde já se viu?

— Sim, chefe. Vou fazer isso agora mesmo, antes de ir.

— Pode deixar que eu cuido disso pessoalmente. E deixe que o caso tome seu curso normal. Há coisas mais importantes a tratarmos do que a morte de uma prostituta.

— Pensei que a morte estúpida de um contribuinte fosse do interesse da polícia, delegado — disse Marcos, com profunda ironia.

O delegado fuzilou-o com os olhos.

— Compartilho de sua opinião, Marcos. Mais alguma coisa a dizer? — indagou, dando por encerrada a conversa.

— Gostaria de ser designado para este caso, senhor.

— E o que pretende com isso? Uma promoção?

— Não, senhor, apenas cumprir minha obrigação como policial.

— Está bem, cuide disso, mas já aviso-o de que não terá nenhum auxiliar. Não podemos dispensar mais pessoal.

Marcos saiu do gabinete profundamente irritado. Ao chegar a sua sala, Rogério olhou-o, compreendendo seu estado de espírito.

— Esse delegado está me perseguindo — disse Marcos, sentando-se pesadamente em sua cadeira. Vai me deixar cuidar do caso, mas não terei auxílio nenhum. É a decisão dele.

— Vou reunir todos os elementos possíveis. Quando tiver o caso em minhas mãos, falarei diretamente com o delegado-chefe.

— Se vai passar por cima de seu chefe, prepare-se para o pior. Mas como eu conheço você, sei que não está nem aí para autoridades. Enquanto você estava lá com o delegado, dei uns telefonemas. Tenho uma relação das lojas que vendiam roupas iguais às que a vítima usava. Comecei pela etiqueta e cheguei à fábrica e aos compradores. Foram gentis e me passaram um fax imediatamente.

— Deixe-me ver! — pediu Marcos, interessado, e Rogério passou-lhe uma lista de nome de lojas.

— Não é muito extensa — observou Marcos.

— Eram roupas de luxo, destinadas ao mercado externo. Poucas lojas vendem artigos tão finos como aqueles.

— Veja as fotos que foram tiradas no IML e separe a que estiver melhor. Tem uma que mostra o rosto dela com nitidez, apesar de tudo. Acho que você receberá em breve ordem para retornar ao serviço que estava fazendo. Antes que isso aconteça, quero que distribua a foto dela aos nossos informantes nas ruas. Quero saber quem era ela, o que fazia, com quem se relacionava, seus amigos, tudo.

— Cuidarei disso agora mesmo.

— É só, por enquanto. Obrigado! Ah, preciso também de uma cópia da foto e desta lista de lojas — disse Marcos e Rogério foi providenciar isso imediatamente.

Pouco depois, quando deixou seu plantão no Distrito, Marcos não foi para casa. Aquela bronca do delegado incomodara mais do que seria esperado. Queria encontrar logo alguma coisa para esfregar no nariz de seu chefe e mostrar serviço. Assim, à procura de uma pista mais objetiva, ele percorreu algumas lojas, porém em vão, já estava desistindo e indo para casa. No caminho, porém, havia mais uma dessas lojas e ele resolveu arriscar mais uma vez. Entrou e um vendedor veio atendê-lo, mostrou sua credencial e a foto da garota assassinada, perguntando se já a vira antes. O vendedor pegou a foto, ficou olhando demoradamente para ela.

— Sim, já a vi. Ela esteve aqui há algum tempo atrás, mas já faz um bom tempo que ela não aparece. Sim, é ela mesma. Eu não poderia esquecê-la. Eu mesmo a atendi. Além de ter gastado uma pequena fortuna em roupas, estava acompanhada por um grandalhão que chamava a atenção de todos por seu tamanho. Tinha bem mais de dois metros de altura e uma cara de poucos amigos. Usava um uniforme, com um quepe. Parecia um motorista de madame.

— Esse grandalhão tem aparecido por aqui ultimamente?

— Não, não me lembro de tê-lo visto mais depois daquele dia.

Marcos deixou seu cartão com o telefone do Distrito e de seu celular com o vendedor e pediu que ele ligasse se tivesse alguma nova informação. Tinha alguma de positivo. Aquele grandalhão poderia com facilidade ter carregado o corpo da garota e o levado para aquele túnel da rede de esgoto. Mas por que uma mulher que gastou uma pequena fortuna em roupas era morta algum tempo depois?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

